



# A DEMONIZAÇÃO DO OUTRO ENQUANTO ESTRATÉGIA DISCURSIVA

Aretuza Pereira dos Santos<sup>1</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

Diante da instabilidade política dos dois últimos anos no país, forças sociais e círculos de afinidades políticas tomam divergentes posições nas redes se utilizando, muitas vezes, de estratégias em que se propaga a imagem pitoresca do mal associada aos seus adversários. O mal, o satânico, ocupa no imaginário social, o lugar onde se reúnem todas as ameaças aos valores cristãos, sendo fundamental afastar-se de tudo aquilo que possa suscitar a reprovação divina. Alain Badiou, discípulo do filósofo marxista Louis Althusser, ao falar sobre o Mal, defende que

**[...] o mal é a interrupção da verdade pela pressão de interesses particulares ou individuais [...]. Não existe uma definição natural do mal; o mal é sempre aquilo que, em uma situação particular, tende a enfraquecer ou destruir um sujeito.** E a concepção de mal é portanto inteiramente dependente dos eventos nos quais um sujeito constitui a si mesmo. É o sujeito que prescreve o que é o mal, não uma ideia natural do mal que define o que um sujeito “moral” é (BADIOU, 2016, grifos nossos).

Dizeres que circulam sócio-historicamente, os quais nos são impostos pelo interdiscurso, afirmam que devemos nos afastar de tudo que tenha ligação com o mal, o satânico, a fim de não nos afastarmos das graças de Deus e obtermos Sua aprovação. Por consequência, a destruição, o cair em desgraças, a identificação com práticas satânicas e pessoas que tenham envolvimento ou sejam associadas ao satanismo devem ser evitadas. No entanto, seguindo as considerações de Badiou (2016), vemos que as figuras do Mal estão intimamente ligadas à constituição contingente de um regime de verdades subjetivas, à constituição de um sujeito e àquilo que o ameaça. Nota-se que, na sociedade, impera a tentativa de se manter o controle e dominação das classes ideologicamente dominadas por meio do discurso pedagógico autoritário<sup>2</sup> com a finalidade de atingir o imaginário social para imobilizar ações, direcionando e ressignificando sentidos.

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos de Linguagens (UNEB), Especialista em Gestão Educacional (UCB-RJ) e Licenciada em Letras Vernáculas (UEFS). E-mail: [aretuzap@yahoo.com.br](mailto:aretuzap@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Orlandi (2009, p. 86) estabeleceu diferentes critérios para distinguir os modos de funcionamento do discurso, tomando como referência elementos constitutivos de suas condições de produção e sua

Para a Análise do Discurso de linha pecheuxtiana, os sujeitos são discursivamente constituídos pelas formações discursivas que designam “*o que pode e o que deve ser dito*”<sup>3</sup> e fornecem as evidências que “fazem com que uma palavra ou enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, sob, a ‘transparência da linguagem’ o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados” (PÊCHEUX, 2009 [1975], p.146). Dessa forma, o sentido atribuído a cada palavra, enunciado ou expressão será autorizado pela formação discursiva, a qual representa, no discurso, a formação ideológica que coloca os sujeitos em suas posições. Cabe perguntar, então, o que os modos de atribuição do Mal ao outro-adversário político revelam das formações discursivas e ideológicas em jogo.

## 2 O COMUNISTA E O GOLPISTA NO JOGO DAS DENOMINAÇÕES ESTRATÉGICAS

Como analisa Robert Darnton, no livro *O Diabo na água benta: ou a arte da calúnia e da difamação de Luís XIV a Napoleão*, a cultura de difamar com o intuito de derrubar governos ou quem esteja em posição de comando atravessa épocas e lugares. Na atualidade, presenciamos uma enxurrada de imagens, veiculadas nas redes sociais, as quais apresentam os protagonistas do atual cenário político brasileiro de forma demonizadas e/ou animalizadas, contribuindo para corroer paulatinamente, desestabilizar a credibilidade do outro e suscitar a associação do pacto com o mal/diabo.

Vejamos algumas imagens relacionadas à ex-presidente Dilma Rousseff que circularam pelas redes sociais entre 2015 e 2016.

---

relação com o modo de produção de sentidos. Dessa forma, tem-se o discurso autoritário: aquele que a polissemia é contida, o referente está apagado pela relação da linguagem que se estabelece e o locutor se coloca como agente exclusivo, apagando também sua relação com o interlocutor.

<sup>3</sup> “Formação discursiva é aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*” (PÊCHEUX, 2009 [1975], p.147).

Figura 1 – Dilma Rousseff e a imagem demonizada



Fonte: Página de blogs<sup>4</sup>

Das seis imagens, cinco retratam a ex-presidente com chifres, suscitando, no imaginário social, a relação da mesma com a personificação do diabo. Na segunda imagem, no centro da testa a sigla do PT junto ao pentagrama invertido, símbolo que remete ao satânico e parafraseia a estrela vermelha símbolo do PT. Na terceira imagem, também no centro da testa da ex-representante governamental em situação, o símbolo da cruz invertida (anticristo). Na quinta e na sexta imagem, temos enunciados que evocam a imagem maligna do ateu e do comunista, sem que haja no intradiscursos qualquer desenvolvimento dessas ilações para além das construções sintagmáticas *inferno comunista* e *demônios eleitos*, apelando assim para a memória do anticomunismo.

A respeito do anticomunismo na imprensa carioca de 1922 a 1989, Bethânia Mariani esclarece que

O uso da palavra 'comunismo' nos jornais, ao longo dos anos, para além de designar uma ideologia partidária, passou a determinar um sentido que é sempre negativo. Hegemonicamente, a produção de sentidos para 'comunistas' gira em torno do 'inimigo', o outro indesejável. Se o lugar do inimigo já está previamente assinalado no imaginário social, significar o comunismo e os comunistas deste modo possibilita torna-los visíveis,

<sup>4</sup> Imagens selecionadas de blogs e compartilhadas pelas redes sociais, respectivamente disponíveis em: <https://www.artstation.com/artwork/kILX0>; <http://danmonteirofp.blogspot.com.br/2015/10/dilma-rousseff-cassacao-vista.html>; [http://brasiloze.blogspot.com.br/2016/01/afinal-quem-e-o-satan-perto-de-dilma\\_18.html](http://brasiloze.blogspot.com.br/2016/01/afinal-quem-e-o-satan-perto-de-dilma_18.html); <http://vindodospampas.blogspot.com.br/2014/11/dilma-verdadeira-face-do-demonio.html>. Acesso em: 01 set. 2016.

singularizá-los e, assim, deixá-los isolados e sob controle, como todo inimigo deve ficar. A denominação 'comunista', então, passa a corresponder a sujeitos cuja identidade e modo de agir já se encontrariam previamente significados em termos sócio-históricos (MARIANI, 1998, pp107-108).

As denominações *Inferno comunista* e os *demônios eleitos* são correlacionadas à expressão “cair em desgraças”, que estrategicamente remete e reafirma sentidos de ameaça aos valores cristãos<sup>5</sup> e a preservação da pátria e da moral. Bethânia Mariani considera que

A denominação, enquanto modo de construção discursiva dos 'referentes', tem como característica a capacidade de condensar em um substantivo, ou em um conjunto parafrástico de sintagmas nominais e expressões, “ou pontos de estabilização de processos” resultantes das relações de forças entre formações discursivas em concorrência num mesmo campo (MARIANI, 1998, p. 118).

Por conseguinte, tais denominações ao suscitar o reconhecimento de um já-dito construído historicamente sobre as ameaças e perigos proporcionado por comunistas e o desamparo daqueles que não estão sobre a graça Divinal, leva-nos a observar como as denominações atribuídas àqueles considerados comunistas significam também no campo religioso e dá visibilidade as relações de força em determinada formação social. Com efeito, a protagonista referenciada na figura 1, a/o outra/o indesejável, ocupa o lugar de um representante da esquerda<sup>6</sup>, logo, o discurso produzido de uma posição antipetista visa despolitizar, desumanizar e deslegitimar a existência do Partido dos Trabalhadores. De modo a produzir a ilusão de verdades subjetivas.

---

<sup>5</sup> Vale destacar que no livro de Bethânia Mariani, *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*, em um dos subcapítulos a autora retrata as denominações atribuídas aos comunistas entre 1922 e 1989, dentre elas consta a denominação de “os sem Deus”; “praticantes do credo vermelho”; “blasfemos vermelhos”; “inimigos da pátria” etc. Nesse sentido, notamos como se buscou atingir o imaginário social, no que diz respeito aos comunistas, desassociando-os do elo Divinal e caracterizando-os como inimigos.

<sup>6</sup>Esquerda e direita são formas usuais de se classificar posições políticas, partidárias e ideológicas. A origem do termo remonta à Revolução Francesa, onde os grupos que almejavam mudanças no governo e na sociedade sentavam-se à esquerda na assembleia, enquanto os grupos que desejavam a manutenção das formas de governo e sociedade sentavam-se à direita. Após a Revolução Russa, já no século XX, a esquerda passou a ser identificada com as posições mais próximas do socialismo e dos anseios de transformação, ao passo que a direita passou a ser identificada com a defesa do capitalismo e do liberalismo (Caderno de Formação Bem vinda, bem vindo ao PT! 2012, p.10). Disponível em: <http://www.enfpt.org.br/sites/all/themes/ninesixty/images/Caderno-Formacao-Bem-vinda-Bem-vindo-ao-PT.pdf>.

Pêcheux (2014 [1975], p.81) diz que “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que *A* e *B* se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. Vale salientar que esses lugares são representados pelas formações imaginárias e determinados pelas estruturas sociais. Nesse sentido, observemos agora como a imagem do atual presidente do Brasil tem sido construída:

Figura 2 - Gólpula: o presidente das trevas



Fonte: Página do Ocupa MinC RJ. Disponível em:<

<https://www.facebook.com/OcupaMincRJ/photos/a.574744092730872.1073741828.574736662731615/626050090933605/?type=3&theater>>. Acesso em: 06 set. 2016.

Na figura 2, temos a imagem do presidente associada ao drácula, vampiro. O jogo polissêmico em torno do sintagma [*Gólpula*] remete a uma filiação de sentidos inscritos na memória social de que os brasileiros vivenciam um novo Golpe de Estado aplicado, desta vez, por um presidente, representante de um partido de direita, que é a personificação das trevas, através do drácula. Nesse sentido, ainda sobre as denominações e suas associações, cabe pontuar que

Para compreender os sentidos produzidos pelas denominações, e essas regiões discursivas que vão se organizando em torno delas, é preciso desconstruir superfícies linguísticas, depreender o conjunto de empregos das palavras, os tipos de ligação que elas mantêm entre si, o modo como ocorrem nos textos, como podem estar significando, os efeitos que produzem, sua relação com a história oficial, em resumo, trata-se de ver o funcionamento de palavras e expressões que atuam como denominações. Um tal ponto de vista permite verificar conflitos, adesões, silenciamentos etc., produzido entre as formações discursivas, permite ainda, delinear e acompanhar as tendências históricas na produção dos sentidos, seu passado e seu futuro, seu movimento, ou seja, as redes de filiações de sentidos que organizam a tessitura do discursivo (MARIANI, 1998, p. 119).

Desse modo, a associação dos sintagmas [golpe] e [drácula] traz a torna a discursividade em relação aos conflitos ideológicos, no cenário político de nossa atual conjuntura sócio histórica, bem como produzir o efeito, no imaginário social, depreciativo do oponente trazendo à tona, através da língua e da história, o tensionamento das forças sociais em disputa. Com efeito, a produção de sentidos acionados através das denominações ancora-se na relação entre a história e a língua, levando os sujeitos a se identificar ou se contra-identificar com o que lhes é dado a pensar. Observemos:

Figura 3 – Temer e o vampirismo



Fonte: Páginas de Blogs<sup>7</sup>

As imagens que compõem a figura 3 colocam em xeque as virtudes do atual presidente Michel Temer, uma vez que, apresenta-o como drácula e o lobo mal remetendo a sua vida particular em razão de ser casado com uma mulher 43 anos mais nova. Nas imagens estão expressas figuras que mobilizam sentidos subjacente a ideia de traição quer seja a nação quer seja aos bons costumes. Parece-nos haver uma tendência a incorporar as qualificações atribuídas aos

<sup>7</sup> Imagens selecionadas de blogs e compartilhadas pelas redes sociais, disponíveis em: <http://bloganaliseeopinioao.blogspot.com.br/2016/04/temer-cunha-e-etica-golpista.html>; <http://oespiritualismoocidental.blogspot.com.br/2015/12/bob-fernandes-sobre-cafajestada-temer.html>; <http://osamigosdapresidentedilma.blogspot.com.br/2015/12/depois-de-liberar-r-108-bilhoes-em.html>; <https://interrogaesblog.wordpress.com/tag/michel-temer/>. Acesso em: 08 set. 2016.

comunistas, construída ao longo do tempo, ressignificando-as e as correlacionando à imagem de um presidente golpista.

Eni Orlandi, ao prefaciар o livro de Bethânia Mariani, *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*, comenta que

[...] não é por acaso, penso, que os discursos submetidos a esses mecanismos de des-dizer<sup>8</sup> sejam justamente aqueles que afetam o que temos chamados de “esquerda”. Na instância do político, a “direita” sofre um processo de naturalização pelo qual é normal ser-se de direita; a esquerda, ao contrário, é um exercício de alter-ação do normal, sendo posto como aquilo que pode fazer o mal. Aí, nesse lugar, constituem-se os sentidos da negação da história, separando o Bem do Mal, fazendo com que esse lugar dificilmente possa se significar já que dele pode vir a violência, a destruição da ordem, a falência da paz (ORLANDI *apud* MARIANI, 1998, p.10).

Talvez, por isso, os antipetistas demonizam o Partido dos Trabalhadores, situado à esquerda, os quais são associados mais diretamente ao Mal, por conseguinte, a demonização enquanto estratégia discursiva é utilizada com maior intensidade pela direita. Michel Pêcheux (2014 [1975]) considera que ao analisar o discurso político

[...] ele deve ser remetido às *relações de sentido* nas quais é produzido: assim, tal discurso remete a tal outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele “orquestra” os termos principais ou anula os argumentos. Em outros termos, o processo discursivo não tem de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando *evoca* tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido. Isso implica que o orador experimente de certa maneira o lugar de ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador: sua habilidade de imaginar, de preceder o ouvinte é, às vezes, decisiva se ele sabe prever, em tempo hábil, onde este ouvinte o “espera” (PÊCHEUX, 2014 [1975], p.76, grifos do autor).

Essa necessidade de previsibilidade de tempo hábil, visa atingir, na opinião pública, a adesão de seus argumentos consonantes aos interesses de determinados grupos sociais em determinada posição. Marcos Morel, no livro, *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820-1840*, discute que

As metáforas e as diferentes imagens que utilizam animais, monstruosidades e deformações corporais humanas, com suas particularidades e diversidades, fazem parte de fenômeno mais vastos, uma vez que englobam toda a trajetória humana, e não apenas um momento de

---

<sup>8</sup> Para Eni Orlandi (In: MARIANI, 1998, p.09), chama-se de domínios do des-dizer “o espaço já habitado por dizeres que fazem com que sentidos se antecipem, des-compreendendo os sentidos que chegam.

nossa própria civilização ou nacionalidade. Trata-se de uma das mais antigas expressões culturais produzidas ao longo dos tempos e das civilizações, desde as pinturas rupestres, passando pelos bestiários medievais, pelas lendas fantásticas dos Descobrimentos, etc., até os dias de hoje. (MOREL, 2005, p.83).

Dessa forma, as deformações por parte do oponente não se configuram em estratégias de difamação ou evidencia do mal do outro ocorrida de maneira inusitada na nossa sociedade, uma vez que já se constitui em uma prática contumaz inscrita na história social dos países.

Nas figura 4, retrata-se as imagens dos principais protagonistas dos partidos de esquerda e de direita, mobilizando sentidos de que, na atual conjuntura histórica, social e política do Brasil, Esquerda e Direita significam no mesmo campo. A desqualificação e/ou ridicularização dos representantes das ideologias dominantes, no momento em confronto, estão significando diferentemente das três figuras supracitadas, revelando um saber que explicita e põe do mesmo lado os adversários, no momento, em aparente oposição.

**Figura 4** – Ridicularização dos protagonistas políticos em confronto



Fonte: Páginas de Blogs<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Imagens selecionadas de blogs e compartilhadas pelas redes sociais: <https://amarildocharge.wordpress.com/2015/07/24/filme-de-terror/>; <http://www.livreimprensa.com.br/maior-risco-do-impeachment-e-dilma-renunciar/>;

A partir das figuras 1, 2, 3 e 4 podemos perceber três posicionamentos discrepantes<sup>10</sup>. Na primeira, o posicionamento antipetista visando despolitizar, desumanizar e demonizar o Partido dos Trabalhadores, situado à esquerda no espectro político, através de denominações que associam o partido e seu representante ao papel social de inimigo, uma vez que são ateístas, amorais e antipatriotas. Nas figuras 2 e 3, a figura do mau sujeito é mais realçada. Tal posicionamento, nos leva a questionar se a demonização do oponente é mais intensificada e/ou potencializada por aqueles que estão identificados por uma ideologia considerada de direita. Na figura 4, não há a representação de uma figura do Diabo, nem personagens lendárias representativas do Mal, mas a união de monstros, vilões e mercenários que atuavam contra os rebeldes. Dessa forma, aparece um terceiro posicionamento que se afasta da direita e da esquerda extremista e não se circunscreve a produção de sentidos em torno dos sintagmas comunistas versus golpistas. Notemos, a partir das figuras, como “os sentidos se produzem em formações discursivas, são regulados por rituais sócio-históricos, são mobilizados interdiscursivamente enquanto exterioridade que afeta constitutivamente o sujeito” (MARIANI, 1998, p.67).

### 3 CONSIDERAÇÕES

Atribuir o Mal a outrem sempre tem a intenção de enfraquecer ou destruir a imagem de alguém que esteja em posição antagônica, dessa forma, a construção do Mal sempre está a serviço de interesses particulares de determinados grupos, principalmente, quando há disputa pelo poder.

A desqualificação e/ou ridicularização do outro, através da “demonização”, enquanto estratégia discursiva, difundida pelas ideologias em disputa, apontam para uma tentativa de controle e dominação das classes ideologicamente dominadas por meio

---

<http://tribunadainternet.com.br/temer-na-caverna-dos-horrores-do-neoliberalismo/>. Acesso em: 08 set. 2016.

<sup>10</sup> É interessante pontuar, segundo Marcos Morel (2005, p.82), que “durante as Regências, sobretudo entre 1831 e 1834, constata-se nos relatórios destes diplomatas uma classificação das três tendências, que ganham nomes precisos: Moderados, Restauradores e Exaltados – apesar do jogo de alianças e das trocas de campos que poderia haver entre eles. Em seguida, com a morte do ex-imperador e a reforma da Constituição em 1834, os Exaltados são vencidos no espaço público da corte, ocorrendo reaproximação entre Moderados e Restauradores. Enfim, em 1840, o ‘Partido Liberal Moderado’ fundia-se com o ‘Partido do Rei Caramuru Restaurador’, criando novo bloco de poder”. Enfim, aqueles que se posicionam à margem dos esquerdista e direitistas, estariam identificados com a tendência apagada dos Exaltados?

do discurso pedagógico em que se mobilizam sentidos em direção ao imaginário da opinião pública e se utilizam da difamação e calúnia para suscitar a desaprovação, a incredibilidade e a associação do outro aos preceitos não éticos, morais e religiosos.

Dentro do universo de estratégias, observamos que os discursos foram remetendo uns aos outros, abrindo possibilidades de inscrição para os sujeitos e os sentidos, em meio a relações de forças atravessadas por resistências e dominâncias, amparados por formações discursivas, ideológicas e imaginárias.

O histórico e o linguístico estão presentificados no discurso, não de modo alheio ou exterior ao que está sendo investigado, mas como parte intrínseca. Por conseguinte, os sentidos produzidos em torno das denominações atribuídas aos comunistas e golpistas vêm, ao longo do tempo, filiando-se e se modificando em um novo sentido. Com efeito, as denominações atribuídas aos adversários políticos aliadas as imagens representativas do Mal, o Mal como ameaça aos valores éticos, morais e religiosos, dá visibilidade de como são construídas as estratégias para difamar, caluniar e, sobretudo, promover adesões as formações discursivas daquele quem produziu o enunciado, possibilitando que os sentidos se movimentem em diversas direções, por vezes, silenciando, criando equívocos, falhas, deslizamentos e ambiguidades.

## REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain. **Sobre o Mal**: Uma Entrevista com Alain Badiou. [Julho de 2016]. Plataforma Digital Lava Palavra. Entrevista concedida a Christoph Cox e Molly Whalen. Tradução de Hugo Gomes Penaranda. Disponível em: < [https://lavrpalavra.com/2016/07/15/sobre-o-mal-uma-entrevista-com-alain-badiou/?blogsub=confirming#blog\\_subscription-3](https://lavrpalavra.com/2016/07/15/sobre-o-mal-uma-entrevista-com-alain-badiou/?blogsub=confirming#blog_subscription-3). Acesso em: 21 set. 2016.

DARNTON, Robert. **O Diabo na água benta**: ou a arte da calúnia e da difamação de Luís XIV a Napoleão. Tradução Carlos Afonso Malferrari. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MARIANI, Bethânia. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan, Campinas, SP: Unicamp, 1998.

MOREL, Marco. **As transformações dos espaços públicos**: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820-1840. São Paulo: Hucitec, 2005.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: SP. Pontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Discurso em Análise:** sujeito, sentido e ideologia. Campinas, SP: Pontes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Texto:** Formulação e Circulação dos Sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2012a.

PECHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni P. Orlandi [et al.] Campinas: Unicamp, 2009 [1975].

\_\_\_\_\_. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F. & HAK, T.(org). **Por uma análise automática do discurso:** Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora Unicamp, 2014 [1975].

PÊCHEUX, Michel & FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas [1975]. Tradução Péricles Cunha. In: GADET, F. & HAK, T.(org). **Por uma análise automática do discurso:** Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora Unicamp, 2014 [1975].